



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1266

## **DE BRASÍLIA A WASHINGTON: RELAÇÕES DE MODA E PODER A PARTIR DO ENCONTRO NIXON- MÉDICI**

Renata Fratton Noronha  
Waldemar Dalenogare Neto  
(PUCRS)

### **Resumo**

O presente artigo busca refletir sobre as relações entre o vestir e a legitimação de uma imagem de poder através do encontro político entre os presidentes Emílio Garrastazu Médici e Richard Nixon. O notório crescimento brasileiro nos dois primeiros anos de Médici no poder foi o estopim para Nixon buscar uma aproximação definitiva com os militares do Brasil. Através da Embaixada americana, os diplomatas Charles Burke Elbrick (1970) e William M. Rountree (1971) organizaram um encontro entre os dois chefes de Estado com o objetivo de estreitar os laços de amizade. Se os americanos tinham planos de fazer apenas uma recepção formal na Casa Branca, Médici via a oportunidade de se encontrar com o homem mais poderoso do mundo com outros olhos: ao mesmo tempo que representaria a consolidação do ditador brasileiro, também mostrava uma direção positiva do projeto de levar um país emergente ao centro das discussões dos grandes dominadores da hierarquia global de poder. Durante a visita oficial, iniciada no dia 7 de dezembro de 1971, o guarda-roupa da primeira dama Scylla Nogueira Médici, mereceu especial atenção. O costureiro gaúcho Rui Spohr foi o responsável pela elaboração dos modelos, levando em conta as solenidades previstas. Os registros encontrados no acervo de Rui deixam claro o interesse de se criar para a primeira dama uma imagem contemporânea e ao mesmo tempo representativa do “milagre brasileiro”.

**Palavras-chave:** moda; Nixon-Médici; política

**Financiamento:** CNPQ/CAPES

## Médici e a visita a Nixon

Quando Richard Nixon chegou à presidência dos Estados Unidos, em janeiro de 1969, sua visão sobre o papel do Brasil no mundo já havia sido formada. Na década anterior, ao atuar como vice-presidente na gestão de Dwight D. Eisenhower, Nixon participou de uma série de viagens organizadas pelo Departamento de Estado americano à países da América Latina como forma de tentar se reaproximar do continente que parecia aos poucos se aproximar dos ideais empregados por Castro em Cuba. No que mais tarde Nixon consideraria um de seus momentos de crise, o político do Partido Republicano viu seu carro ser apedrejado nas ruas de Caracas, foi vaiado por uma multidão em Lima e discutiu com estudantes em Montevideú. A ideia de enviar a segunda maior autoridade do poder executivo dos Estados Unidos aos países latinos foi um fracasso no ponto de vista estratégico, mas essencial para Nixon concluir que *“U.S.-style democracy won’t work here [...] I wish it would”* (BLACK, 2008, p. 497).

Por conta das sucessivas crises entre os Estados Unidos e o restante do continente americano, especialmente no campo econômico, a diplomacia organizada por Richard Nixon e seu assistente (e mais tarde Secretário de Estado) Henry Kissinger tinha como foco principal a estabilidade, como aponta Schoultz (1998, p.358). Estabilidade que não dependia, no entanto, de recursos da Aliança para o Progresso de John Kennedy. Smith (2008) lembra que no contexto latino-americano da transição da década de 1960 para a década de 1970, treze governos democraticamente eleitos haviam sido derrubados para a entrada de ditaduras-militares vestidas com o manto do anticomunismo. Se o ideal de Kennedy de tornar os povos da América Central e da América do Sul favoráveis aos Estados Unidos através de projetos sociais havia ido por água

abaixo, restava aos militares de cada país negociar empréstimos e parcerias econômicas com os americanos.

Francis (1988, p.31) sustenta a tese de que as políticas de Nixon e Kissinger para o continente americano tinham como objetivo final a sustentação dos poderes hegemônicos, ou seja, reconhecendo uma inferioridade dos latinos perante os europeus, uma vez que Kissinger proclamava que o eixo da história mundial começava em Moscou, seguia para Bonn, cruzava o oceano para chegar em Washington para então chegar à Tóquio (HERSH, 1983, p. 263). Neste contexto diplomático, o Brasil seria considerado como a principal potência do segundo escalão, com uma ditadura repressiva que perseguia seus inimigos políticos com ferocidade ímpar. Se na chegada de Nixon ao poder nos Estados Unidos o Brasil sofria um período de transição política dentro do governo militar (governo Costa e Silva e junta provisória) – a chegada de Emílio Garrastazu Médici à presidência da República tratou de alinhar os EUA ao Brasil.

Durante o período do chamado Milagre Econômico, o Produto Interno Brasileiro beirou os dois dígitos – e chegaria a 11% em 1973 – com um significativo aumento na renda. Se, em 1971, a taxa de inflação ainda rondava os 20 pontos anuais, por outro lado os indicativos de exportação eram extremamente favoráveis. O terrorismo de Estado praticado pelo regime liderado por Médici, que teoricamente seria seu calcanhar de Aquiles, era desconsiderado pelo poder executivo americano. O trabalho da minoria democrata no Congresso americano em denunciar os abusos da ditadura brasileira esbarrava no pensamento de Kissinger que a defesa dos direitos humanos em um regime ditatorial pró-Estados Unidos não deveria ser um eixo decisório da formação da política externa.

O notório crescimento brasileiro nos dois primeiros anos de Médici no poder foi o estopim para Nixon buscar uma aproximação definitiva com os militares do Brasil. Através da Embaixada americana, os diplomatas Charles Burke Elbrick (1970) e William M. Rountree (1971) organizaram um encontro entre os dois chefes de Estado com o objetivo de estreitar os laços de amizade.

Se os americanos tinham planos de fazer apenas uma recepção formal na Casa Branca, Médici via a oportunidade de se encontrar com o homem mais poderoso do mundo com outros olhos. Spektor (2009) lembra que um retrato

de Médici com Nixon teria um papel simbólico ímpar: ao mesmo tempo que representaria a consolidação do ditador brasileiro, também mostrava uma direção positiva do projeto de levar um país emergente ao centro das discussões dos grandes dominadores da hierarquia global de poder. Com um forte Estado autoritário, o aval de Nixon para a modernização conservadora era indispensável em um cenário global de incertezas econômicas que poderiam respingar no crescimento do Brasil.<sup>1</sup>

A visita de Médici à Washington, marcada para dezembro de 1971, foi alvo de discussões entre os diplomatas brasileiros com os americanos. O militar exigia um alto capital simbólico, que obviamente seria utilizado na promoção de sua imagem no país – mas o gabinete de Nixon argumentava que as visitas dos chefes de Estado aos EUA seguiam padrões que não poderiam ser alterados. Os planos da delegação brasileira eram extremamente ambiciosos: Médici exigia ser recebido por Nixon na base aérea de Andrews. Como alternativa, a equipe liderada pelo Embaixador brasileiro em Washington, Araújo Castro, sugeriu uma chegada à Casa Branca de helicóptero. Médici também queria discursar perante o Congresso americano, pediu duas reuniões com Nixon e uma com Kissinger e também propôs passar uma das noites em Camp David com Nixon e um almoço de gala na Embaixada brasileira.

O cerimonial americano tratou de rejeitar todas as propostas do Brasil, que ainda assim conseguiu alguns avanços. O jantar de gala com Nixon seria na Casa Branca, mas o vice-presidente Spiro Agnew foi convocado para almoçar com Médici na Embaixada brasileira. Os organizadores do cerimonial concordaram em um encontro fechado entre Médici e Nixon, mas pediram para os brasileiros esquecerem a ideia de uma chegada de helicóptero na Casa Branca, exigindo que o trajeto fosse feito de carro (SPEKTOR, 2009, p.43). O discurso no Congresso, por sua vez, foi deixado de lado pelo medo de boicote da bancada democrata e de um enfrentamento do presidente brasileiro com o Senador Frank Church, um dos principais opositores da ditadura do Brasil no Congresso americano.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Em 1971, Nixon cancelou a conversão direta do dólar americano para o ouro, fato conhecido como Nixon Shock na historiografia americana. Para mais sobre o tema, ver Markham (2002, p. 36-43).

<sup>2</sup> O Itamaraty preparou uma defesa para Médici caso o presidente fosse abordado sobre as violações dos direitos humanos no Brasil. Além de negar qualquer tipo de tortura e terrorismo

Médici chegou aos Estados Unidos em um voo da Varig no dia 7 de dezembro de 1971, e passou a noite em Camp David. No dia seguinte, o presidente brasileiro passeou de helicóptero pela capital americana até chegar ao Monumento de Washington, onde um esquema de segurança foi organizado para o transportar de carro até a Casa Branca, que teve sua programação alterada por conta da forte chuva que caía na cidade, motivo do cancelamento da tradicional cerimônia de recepção oficial para chefe de Estado estrangeiro em solo americano (LARZELERE, 2009, p. 54-56).

Nixon usou o termo 'milagre brasileiro' para exaltar as conquistas de Médici e salientou que o Brasil estava em boas mãos graças ao trabalho feito pela equipe econômica do presidente. O brasileiro, por sua vez, deu um breve discurso onde salientou a fé e a confiança de uma duradoura parceria entre Brasil e EUA.

Mas o interesse de Médici no capital simbólico do encontro também pode ser confirmado com as diferentes percepções dos diplomatas do Brasil e dos EUA sobre o teor das conversas entre os chefes de Estado de seus respectivos países. Enquanto o gabinete de Nixon esperava discutir acordos bilaterais, Médici adotou o diálogo de discutir francamente com o presidente americano temas que iam desde sua luta contra o comunismo até a expansão econômica do Brasil. Médici entrou para a reunião com Nixon sem nenhum representante do Itamaraty, deixando a tradução do encontro que também teve a presença de Henry Kissinger nas mãos de Vernon A. Walters, autoridade militar que foi o elo de ligação entre a Força Expedicionária Brasileira com o Quinto Exército americano durante a Segunda Guerra Mundial. Infelizmente a Biblioteca Presidencial de Richard Nixon ainda não disponibilizou aos pesquisadores os arquivos sobre a relação Brasil – EUA no período citado aqui, mas a repercussão do encontro no Salão Oval da Casa Branca indica que os presidentes discutiram sobre o avanço comunista no continente americano, a eleição uruguaia, o apoio ao governo de Hugo Banzer na Bolívia e os bons índices econômicos brasileiros – sem discutir, no entanto, qualquer possibilidade de parceria entre os dois países.

---

de Estado patrocinado pelo governo, Médici foi orientado a salientar que a criação do Conselho de Direitos Humanos, em agosto de 1970, ouvia todas as denúncias contra agentes do governo, e que a propaganda negativa do regime era fruto de uma grande campanha dos comunistas brasileiros para desestabilizar o regime. Ver Skidmore (1988, p. 105-160).

## Como vestir-se para ir à Washington?

E como esta visita, permeada de tantas expectativas, organizou-se no campo das aparências?

Se o vestir dos chefes de Estado não poderia ceder a nenhuma ousadia, obedecendo á códigos de discrição e sobriedade, a roupa das primeiras damas deixa algumas intenções mais evidentes.

É importante notarmos que, partir do século XIX, a roupa assinala diferenças visuais entre roupas de masculinas e femininas: especialmente o vestuário masculino deixa de lado os excessos e ornamentos, onde a distinção deixa de ser marcada pela roupa, mas pelas qualidades pessoais de cada um. Neste cenário, cabe ás mulheres ostentar especialmente a condição financeira do homem ao qual é dependente. Para Flugel (1966) esta mudança no trajar masculino representa uma “grande renúncia”, pois “o homem abandonou sua reivindicação de ser considerado belo. Objetivou, assim, ser considerado somente útil.”(FLUGEL, 1966 p.100)

Curiosamente, a moda do período pós-guerra- um século após a “renúncia”- ordenava às mulheres a exaltação de sua feminilidade através de modelos adequados à vida de moça de família ou ainda de mãe e esposa (STEELE, 1997), demarcando espaços e reforçando certas dependências.

Retomando a visita de Emilio Médici ao presidente norte-americano Richard Nixon, observamos que o guarda-roupa de Scylla Médici foi cuidadosamente organizado- apesar de o fato de a primeira dama ter um costureiro não ser considerado de bom tom<sup>3</sup>. Esta tarefa coube ao gaúcho Rui Spohr.

Rui- que nasceu Flávio Spohr- foi o primeiro brasileiro a estudar moda em Paris, em 1952. Sua carreira consolida-se no período desenvolvimentista, especialmente quando participa dos desfiles promovidos pela Rhodia, durante a década de 1960. Radicado em Porto Alegre, é percebido pela imprensa

---

<sup>3</sup> Em entrevista concedida em agosto de 2015, Rui e suas esposa, Doris, explicam que o vestir de Scylla Médici não poderia estar associado ao nome de Rui. O costureiro lembra que chagou a receber um telefona de um oficial do governo Médici, recriminando-o por “fazer propagando” em cima da primeira dama. Como Rui não costumava cobrar pelo feito das roupas enviadas à Brasília, relatou o fato a Scylla, que ordenou que fosse feito um pedido de desculpas. A primeira dama ainda presenteou Rui e Doris com uma viagem à Brasília, como forma de agradecimento aos serviços prestados. Porém, em nenhum momento foi ao seu encontro.

especializada da época como o brasileiro que estudou em Paris e radicou-se no Sul e suas criações de linhas simples muitas vezes passam também a ser associadas aos rigores do inverno. Somando-se ao frio, a experiência francesa e suas influências internacionais, reforçam-no como “europeizado”, justamente em um momento em que fica evidente o empenho de se “inventar” uma “moda brasileira”.<sup>4</sup>

Ao lado de Scylla, Rui atuava de maneira discreta: a primeira dama orgulhava-se do papel de mãe e esposa, e limitou-se aos afazeres de dona de casa. Seu guarda-roupa não poderia ser ostensivo e, segundo Rui, tampouco dispendioso uma vez dispunha apenas do dinheiro do “soldo” do marido para dar conta de todas as despesas domésticas.

Os registros guardados no acervo de Rui Spohr evidenciam o trabalho dedicado à construção do vestir da primeira dama, assim como certa a relação amistosa estabelecida ao longo do tempo<sup>5</sup> : são mais de cinquenta “ordens de serviço”, relativas a encomendas feitas entre os anos de 1969 e 1973 pela primeira dama ao costureiro, além de desenhos, fotografias e revistas.

Na visita a Washington, o vestir de Scylla deveria evidenciar não sua postura discreta- que privilegiava o papel de mãe e dona de casa- mas a posição de esposa, cujo marido era exaltado pelo “milagre brasileiro”. Assim, Rui criou modelos exclusivos, em tecidos preciosos porém em cores sóbrias, atendendo aos eventos previstos pelo cerimonial. Em cor clara, apenas o vestido de gala que a primeira dama veste nos retrato oficial da visita.

Ao rememorar suas estratégias na construção do guarda-roupa de Scylla Médici, Rui procura não demonstrar preocupação além de “vesti-la corretamente”- muito em função da orientação para “não aparecer” como costureiro da primeira dama- porém algumas questões podem ser evidenciadas a partir desta atuação.

---

<sup>4</sup> A historiadora Maria Claudia Bonadio analisa a moda produzida no Brasil durante os anos 1960 a partir dos desfiles da empresa Rhodia durante a FENIT (Feira Nacional da Indústria Têxtil): “ Enquanto a organização da Fenit trazia para as passarelas modelos de costureiros internacionais, os desfiles da Rhodia primavam por incentivar a produção nacional e reuniam numa mesma passarela peças assinadas por aqueles que então eram os grandes nomes da costura brasileira” ( BONADIO, 2014 p.99)

<sup>5</sup> Apesar de Rui não poder ser designado como “costureiro oficial” da primeira dama, a relação amistosa existente entre ambos pode ser compreendida a partir de um retrato enviado por Scylla ao costureiro e sua família em 1971, onde posa vestindo Rui, Na dedicatória lê-se: “Aos amigos Rui, Dóris e Maria Paula, com carinho da Scylla.”

O sociólogo francês Pierre Bourdieu ao analisar o campo constituído pela alta costura observa que o costureiro convertido em criador, valendo-se de códigos anteriormente restritos à arte, passa a ser dotado deste poder mágico que fundamenta a sua raridade produtora. Assim, nas palavras de Bourdieu (2006):

É produzindo a raridade do produtor que o campo de produção simbólico produz a raridade do produto: o poder mágico do criador é o capital de autoridade associado a uma posição que não poderá agir se não for mobilizada por uma pessoa autorizada, ou, melhor ainda, se não for identificado com uma pessoa e seu carisma, além de ser garantido por sua assinatura. (BOURDIEU, 2006, p.154).

Dessa forma, a assinatura do costureiro, muito mais do que um sinônimo de “garantia de procedência”, transforma-se em elemento de transmutação simbólica.

Entre as peças que constituem o guarda-roupa oficial de Scylla Médici durante a visita ao presidente americano, o vestido de gala, em especial, torna-se alvo de nossa análise: se num primeiro momento pode ser encarado como roupa adequada à formalidade da ocasião, coerente ao gosto estilístico da moda de seu contemporâneo, caracteriza ainda uma sobreposição de “verdades” que compõem o estilo do próprio costureiro- espécie de identidade têxtil, tão poderosa quanto sua própria assinatura.

Na construção de seu estilo, Rui deixa claro que foi influenciado pelas cores e formas dos costureiros franceses Yves Saint-Laurent e Hubert de Givenchy, assim como pelo estilo elegante de Jacqueline Kennedy, quando primeira dama dos Estados Unidos. Para Rui, o estilo sem excessos de Kennedy representavam “a verdade” da simplicidade proposta por ele em suas criações. Dessa forma, o costureiro atua localmente como mediador das tendências de moda internacionais, traduzidas para a sua realidade local:

Criou-se o estilo Rui, a interpretação do internacional traduzido para o nosso meio. E teve sucesso porque as mesmas idéias quanto aos novos rumos da moda estavam latentes também aqui mais no sul. Tudo deveria ficar mais simples—abaixo com a ostentação, as rendas, as anáguas, as saias rodadas.(SPOHR e VIEGAS-FARIA,1997,p.295.)

Ao longo de sua trajetória, Rui lamenta o fato de não ter podido homenagear a cultura gaúcha no desfile promovido pela Rhodia em 1964: à convite de Livio Rangan, organizador do evento, deveria criar o vestido de noiva que fecharia o desfile. Para isso, havia idealizado um modelo que imitava



um poncho. Porém o projeto foi descartado em função das questões políticas vivenciadas no país. (SPOHR e VIEGAS-FARIA, 1997)

A alternativa em substituição ao vestido de noiva, foi um vestido ornamentado com plumas de avestruz- elemento recorrente na moda europeia, especialmente durante o período da *Belle Époque*-que acabou sendo caracterizado pela publicidade da Rhodia como plumas de aves brasileiras, como forma de não fugir à proposta de valorização de uma moda nacional.

Pois o vestido de Scylla Médici, além das linhas sem excessos- que fazem lembrar o vestir de Jacqueline Kennedy, admirada por Rui- tem como único ornamento um casaco de plumas de avestruz<sup>6</sup>.

Ao rememorar o evento, Rui conta que, para o retrato oficial da visita, foi sugerido à primeira dama brasileira que retirasse o casaco. Dessa forma, fica em evidência um grande broche de água marinha, joia pertencente à Scylla Médici e escolhida para a ocasião por sugestão do costureiro.



Figura 1:  
Criações de Rui para a primeira  
dama durante a visita à  
Washington.<sup>7</sup>



Figura 2:  
Scylla Médici veste vestido e  
capa em plumas de avestruz.<sup>8</sup>



Figura 3:  
Os presidentes Nixon, Médici e  
suas esposas.<sup>9</sup>

## Conclusão

<sup>6</sup> Conforme Rui e sua esposa Dóris, o casaco em questão foi emprestado a primeira dama que, após a visita, devolveu a peça. O mesmo casaco foi vestido pela esposa do costureiro no mesmo período em um evento social, como evidenciam fotografias que fazem parte do acervo de Rui Spohr.

<sup>7</sup> Imagem disponível em “Domingo Ilustrado Jornal-revista do fim de semana. Ano 1. N.22 Dezembro de 1971.

<sup>8</sup> Acervo Rui Spohr.

<sup>9</sup> Acervo Rui Spohr.

Em última instância, o encontro entre Médici e Nixon atingiu todos os objetivos propostos pelo governo brasileiro. As fotos e vídeos de Médici na Casa Branca rodaram as revistas e noticiários do país. A visita do presidente brasileiro ao túmulo do Soldado Desconhecido, no cemitério de Arlington, e sua fala na Organização dos Estados Americanos (OEA) foram utilizadas pelas agências oficiais como forma de promoção do presidente e do regime, lembrando o papel de destaque do Brasil na América Latina. Se aos presidentes não caberia nenhuma grande ousadia no vestir durante o evento, coube às primeiras damas dar visibilidade a determinadas crenças e valores através de suas roupas. O guarda roupa de Scylla Médici, elaborado por Rui Spohr ,além de garantir a elegância da primeira dama, em acordo ao gosto e às tendências de moda vigentes, é espaço para a afirmação do estilo do costureiro. Uma vez que “não é adequado” à Scylla associar seu vestir à um costureiro ou marca específica, Rui lança mão de outros recursos estilísticos para impor sua assinatura. Desta forma, rememora seu próprio passado imagético de modo a transformá-lo, renovando seu poder simbólico, dessa vez associado à exaltação internacional do “milagre econômico”.

### **Referências**

BLACK, Conrad. **Richard M. Nixon: A Life in Full**. Nova York: PublicAffairs, 2008.

BOURDIEU, Pierre. O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia. IN: BOURDIEU, Pierre DELSAUT, Yvette. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Ed. Zouk, 2002

BONADIO, Maria Cláudia. **Moda e Publicidade no Brasil nos anos 1960**. São Paulo. Ed. Nversos, 2014.

FRANCIS, Michael J. **United States Policy toward Latin America during the Kissinger Years**" In MARTZ, John D. (org). **United States Policy in Latin America: A Quarter Century of Crisis and Challenge, 1961-1986**. Lincoln: UNP, 1988.

FLUGEL, John Carl. **A psicologia das roupas**. São Paulo. Ed. Mestre Jou,1966..

HERSH, Seymour. **The Price of Power: Kissinger in the Nixon White House**. Londres: Faber & Faber, 1983.

LARZELERE, Alex. **Witness to History**. Bloomington: AuthorHouse, 2009.

MARKHAM, Jerry W. **A Financial History of the United States: From the Age of Derivatives into the New Millennium (1970-2001)**. Armonk: M.E. Sharpe, 2002.

SCHOULTZ, Lars. **Beneath the United States: A History of U. S. Policy Toward Latin America**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

SKIDMORE, Thomas E. **The Politics of Military Rule in Brazil, 1964-85**. Ipswich: Ebsco Publishing, 1988.

SMITH, Peter M. **Talons of the Eagle: Latin America, the United States, and the World**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SPEKTOR, Matias. **Kissinger e o Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SPOHR, Rui; VIEGAS-FARIA, Beatriz. **Memórias alinhavadas**. Porto Alegre: Ed. Artes e Ofícios, 1997.

\_\_\_\_\_ Entrevista concedida em Agosto de 2015.

STEELE, Valerie. **Paris Fashion**. New York. Berg Publishers, 1997.